

Cláudia Cristina Silva,  
professora de História,  
e Clara Sanches de Souza,  
aluna do 8º ano A.

# ViBRA

A REVISTA DO VITAL BRAZIL  
ano 2 / nº 4 / 1º trimestre letivo de 2018

# Uma equipe em movimento

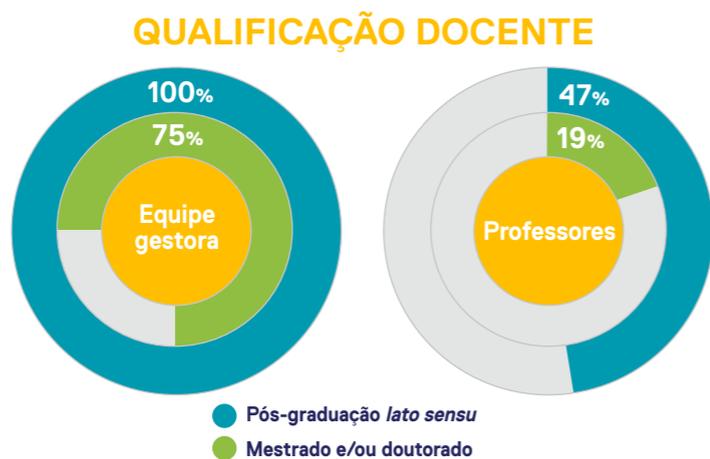
Suely Nercessian Corradini, diretora do Vital, atribui conquistas a investimentos constantes na qualificação da equipe.

## A que você atribui os ótimos resultados do Vital no vestibular?

De fato, este ano temos muito a comemorar [v. *encarte sobre Vestibular*]. Mas quero fazer uma ressalva: quando se fala em resultados, a primeira ideia que se tem é o vestibular. Mas o Colégio é feito de resultados desde a Educação Infantil: quando uma criança consegue organizar seus pertences, cuidar da higiene pessoal, vestir-se sozinha, tudo isso é igualmente importante. Uma educação de qualidade pressupõe um olhar amplo, que espera, sim, resultados em notas e aprovações, mas também espera promover autonomia, criatividade, empatia, abertura à diversidade.

## Como o Vital consegue isso?

A equipe é o grande diferencial. Temos uma equipe academicamente forte [v. *gráfico*] e que vive, de verdade, a paixão pelo conhecimento. Esse lema não está só no papel. Os professores demonstram iniciativa para se atualizar e recebem apoio institucional para fazê-lo. Só neste ano, temos professores e coordenadores fazendo cursos de criatividade e inovação, educação moral, mediação de conflitos, neurociência e aprendizagem, estratégias de alfabetização, tecnologias educacionais. Isso para ficar nos cursos externos. Internamente, temos uma reflexão constante sobre nosso trabalho que faz muita diferença.



## Em que sentido?

Toda sequência didática ou material que chega ao aluno passou, antes, por uma discussão de grupo. E, depois de aplicados, analisamos os resultados. No campo acadêmico, um exemplo é o trabalho de análise estatística de erros em avaliações. Se há questões que muitos alunos de uma turma erraram, vamos retomar esse conteúdo específico – e só para essa turma. Buscamos identificar as reais necessidades de cada grupo e adaptar o trabalho, para garantir a aprendizagem de todos.

## Você citou Tecnologias Educacionais (TEs). Qual o investimento do Vital nesse campo?

Para cada segmento, temos um professor responsável por pesquisar e dividir com os demais novas TEs que contribuam para a aprendizagem. Além disso,

os assessores de TEs trabalham em parceria com a equipe de TI (Tecnologia da Informação) para produzir o melhor arranjo pedagógico. Neste ano, por exemplo, passamos a ter um laboratório móvel de informática e cobertura *wi-fi* em todo o Colégio. Não é uma decisão só técnica; os professores agora podem potencializar os conteúdos de aula usando *tablets* ou *notebooks* em qualquer área do Colégio. Os alunos da Educação Infantil, por exemplo, não precisam mais sair do Vitalzinho; continuam nas suas salas – com mobiliário mais adequado –, e os *notebooks* vão até eles.

**EXPEDIENTE ViBRA é um órgão de comunicação do Colégio Vital Brazil. Colégio Vital Brazil:** Av. Nossa Senhora da Assunção, 438, Vila Butantã, São Paulo/SP – (11) 3712.2218 – [www.vitalbrasilsp.com.br](http://www.vitalbrasilsp.com.br) **Mantenedores:** Gisvaldo de Godoi, Neusa A. Marques de Godoi, Cristina Godoi de Souza Lima **Direção Pedagógica:** Suely Nercessian Corradini **Direção Administrativa:** Fernando A. Mello **Marketing:** Adriana Vaccari **Colaboradores:** André Rebelo, Elaine Aaltonen, Káthia Kobal, Roberto Leal, Suely Nercessian Corradini **Projeto e Coordenação Editorial:** Bandeira 2 Comunicação Ltda. **Jornalista Responsável:** Alexandre Bandeira (Mtb 49.431) **Designer:** Giovanna Angerami **Fotografias:** Fernanda Ambrus **Ilustrador Convidado:** Osiel Nascimento (pág. 6) **Revisão:** Adriana Duarte **Produção Gráfica:** Adriana Vaccari **Impressão:** Coppola Gráfica – 2.500 exemplares **Distribuição gratuita. 1º trimestre letivo de 2018.**

# Como ajudar seus filhos a estudar em casa?

Por **Káthia Kobal** e **Roberto Leal**, coordenadores pedagógicos do Fundamental I e II.

- 1 Garanta um espaço adequado.** Mobiliário de tamanho apropriado, com mesa, cadeira e apoio para pés, propicia uma postura correta do estudante ao sentar e segurar o lápis desde as séries iniciais, evitando cansaço e dores ao escrever. Boa iluminação também é essencial.
- 2 Previna distrações.** Uma mesa apenas com o material da escola e um lugar silencioso favorecem a concentração. Talvez, a partir de certa idade, o jovem seja capaz de discernir quais ruídos – como música ou TV – atrapalham ou não. Até lá, é melhor ter o silêncio como norma.
- 3 Oriente sobre prioridades.** Sempre iniciar por tarefas, redações e projetos com prazo definido, para depois dedicar um tempo à revisão de conteúdos abordados em sala de aula.
- 4 Faça da escola assunto cotidiano.** Enquetes em véspera de prova para verificar se o filho estudou não ajudam e podem angustiar, mas conversar sobre o que se aprendeu a cada dia promove segurança e consolida a aprendizagem.
- 5 Ajude-os a achar o próprio ritmo.** É razoável esperar que um adolescente passe duas ou três horas estudando. Mas, nos primeiros anos, fragmentar esse tempo em períodos progressivamente maiores (15 em 15 min, 30 em 30, etc.), com intervalos, ajuda a garantir a qualidade do estudo.
- 6 Evite a sobrecarga.** Saiba do que a criança é capaz e considere focos de investimento ao definir atividades extracurriculares; agenda lotada não é sinônimo de produtividade. E jamais esqueça o tempo de sono.
- 7 Incentive-os a buscar as próprias respostas.** Em vez de corrigir tarefas ou tirar dúvidas dos filhos, apontar caminhos pode ser mais valioso: “Que tal reler o texto?” ou “Se a dúvida persistir, vamos escrever no caderno para você perguntar ao professor?”.
- 8 Promova a autonomia.** Se nos primeiros anos a criança precisa de um adulto próximo para dar o comando, com o tempo, um telefonema em hora combinada – “Está estudando? Fez as lições?” – pode ser suficiente.



# A linguagem dos artistas

Como Música e Arte servem de base para o aluno se colocar em sociedade e fazer leituras mais críticas sobre o mundo.



Alunos do Vital em vivências musicais e artísticas: construindo repertórios pessoais.

No videoclipe de *This Is How We Do*, a cantora Katy Perry fala de uma vida de “curtição”, cuja rotina gira em torno de jogar ping-pong, fazer as unhas, conversar sobre astrologia e beber vinho ao sol. Pode não parecer educativo, mas a professora de Arte Sílvia Mendes sabe do sucesso que Perry faz entre seus alunos. Sabe, também, que parte fundamental da educação artística consiste em promover olhares mais profundos sobre uma obra, para além do que se percebe à primeira vista.

Não surpreende, portanto, que Sílvia já tenha tratado do clipe em sala de aula. O vídeo é repleto de referências à estética dos anos 1960, incluindo um conjunto de saia e blusa utilizado pela cantora que remete ao clássico vestido tubinho, criado por Yves Saint Laurent em 1965, por sua vez inspirado na obra do pintor holandês Piet Mondrian, baseada em cores primárias e linhas geométricas. Obra esta estudada pelos alunos do 3º ano do Ensino Fundamental do Vital. “Estão vendo isso?”, a professora pergunta à turma. “Alguém pesquisou isso, não está aí por acaso?”

Perceber conexões entre diferentes linguagens; relacionar o que se vê numa obra com o que se sabe do mundo; compreender as intenções do artista e “dialogar” com ele, considerando o que a obra tem a dizer. Esses são alguns dos objetivos que Sílvia e as outras professoras de Arte do Vital – Juliana Carnasciali e Maristela Pinheiro – pretendiam ao montar o plano pedagógico da disciplina. Um percurso ao longo do qual elas esperam expandir os

modos de olhar de seus alunos para a Arte, além de ajudá-los a expressar suas ideias e sentimentos.

Nesse sentido, apresentam proposta semelhante à das professoras de Música do Vital, que também utilizam a música como um meio de adquirir e manifestar saberes e competências.

## Aprendendo a se expressar

Se até o Ensino Médio o aluno deverá se relacionar com a Arte de maneira reflexiva e crítica, os primeiros anos envolvem experiências bem mais concretas. Segundo Juliana Carnasciali, que dá aulas da Educação Infantil ao 2º ano do Fundamental, “os primeiros passos são focados na exploração de vivências diversas”. Ou, como define o projeto pedagógico, “o modo de olhar a Arte na Educação Infantil é da ordem dos encontros táteis”. Ao pintar um painel com as mãos, ao melar bexigas de tinta para carimbar folhas de papel, ao produzir colagens ou outro trabalho qualquer, os alunos de Juliana estão construindo repertórios pessoais de imagens, sensações e procedimentos aos quais, mais tarde, recorrerão com maior intencionalidade expressiva e atenção à sua carga simbólica.

Nas aulas de Música não é diferente. Os alunos da professora Daniele Torres, que ensina do Maternal ao 1º ano do Fundamental, vivenciam a música por meio de instrumentos percussivos, como o reco-reco, a clava e o triângulo. Assim como na Arte, é tudo muito lúdico

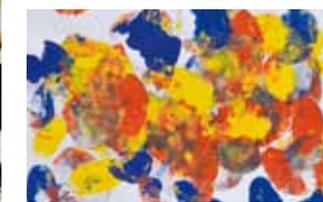
e exploratório, mas com regras simples – acompanhar a batida, produzir sons mais fortes ou fracos, etc. –, que servem para apresentar aos alunos componentes concretos de musicalidade e parâmetros sonoros, como ritmo, timbre, intensidade ou altura.

Mesmo que não percebam, já nesse momento os alunos exercitam, por meio da música, importantes habilidades, como a cooperação (cantar/tocar junto aos colegas), o autocontrole (saber quando tocar e parar) ou a escuta ativa (ouvir com foco e atenção). E também começam a explorar o campo das emoções (ao distinguir músicas tristes ou alegres, por exemplo), entrando em contato com seus sentimentos e os deixando fluir. Como diz Daniele, a música – assim como outras linguagens artísticas – “está em prol do ser humano, para que ele possa sentir e se expressar”.

“Tem criança que não se comunica facilmente”, diz Mariana Carvalho, professora responsável pelas turmas do 2º ao 5º ano. A música, segundo Mariana, seria uma das chaves à disposição da escola para mudar isso, como ela relata ter ocorrido com um aluno no passado. “Ele era muito tímido, participava pouco das aulas. Até que, para um Encontro das Famílias, a turma ensaiou uma música do He-Man. Ele cantou e, de repente, era como se tivesse reconhecido em si uma qualidade, o mundo tivesse se aberto para ele. Virou outra criança”.

Para Mariana, a música ajuda os alunos a se colocar em sociedade e, dessa forma, torna-os cidadãos. Em apresentações de coral, por exemplo, eles aprendem que precisam ter uma postura correta para a voz não sair fraca, que não podem ficar se movendo pelo palco e que, acima de tudo, devem respeitar a plateia. “Eu sempre digo: pisou no palco, já está se apresentando”, diz ela.

“A Arte pode ser reflexo de como o aluno se apresenta na vida”, diz Sílvia Mendes, na mesma linha. Ao avaliar os trabalhos produzidos nas aulas, por exemplo, Sílvia



está menos interessada no talento dos alunos e mais no cuidado que dedicam à tarefa e na capacidade de transmitir uma poética pessoal por meio da Arte. “Se eles não se empenham, se simplesmente copiam algo que eu fiz, se apresentam um repertório limitado, preciso intervir”.

“A ampliação de repertório é muito importante para nós”, enfatiza Juliana. Inclusive para que, à medida que avancem, os alunos sejam capazes de produções mais ricas e leituras mais críticas, acompanhadas de pesquisas sobre a vida dos artistas e sobre o contexto social, histórico e político das obras estudadas. Afinal, quanto mais o aluno trouxer em sua bagagem de saberes, mais ele será capaz daquele olhar profundo pretendido. Um olhar que entende que a Arte não existe num vácuo; que um azul às vezes não é só um azul; que um desenho incompreensível pode não ser um erro, mas uma escolha; e que o figurino de uma cantora *pop* pode não ser uma roupa qualquer.

1 Música e Arte são disciplinas obrigatórias na matriz curricular do Vital desde o Maternal: Música até o 5º ano do Fundamental e Arte até a conclusão do Ensino Médio.

2 Nos primeiros anos escolares, Arte e Música envolvem vivências concretas, para que o aluno construa um repertório pessoal de imagens, sensações e procedimentos.

3 Mais à frente, o aluno saberá se expressar, colocar-se em sociedade e olhar as artes de maneira profunda, percebendo conexões entre linguagens, relacionando-as com sua visão de mundo e dialogando criticamente com obras e artistas.

# A força do time

Mesmo colecionando conquistas, o Departamento de Inglês do Vital realiza trabalho intenso em busca de melhorias constantes.



**Se fosse verdade que em time que está ganhando não se mexe**, a equipe de Inglês do Vital Brazil talvez tivesse menos com que se preocupar. Afinal, os alunos vêm colecionando vitórias expressivas no idioma, com índices de desempenho e certificações internacionais que comprovam o sucesso do projeto pedagógico. No entanto, o que se vê no grupo de 15 professoras e na Coordenação de Inglês é uma espécie de inquietação saudável, uma disposição constante de pensar, repensar e discutir métodos e materiais adotados, na busca por resultados ainda melhores. De certa forma, é justamente porque o Departamento de Inglês não para que o time está ganhando.

Que o projeto tem dado certo, os números estão aí para mostrar – a começar pelas certificações internacionais emitidas pela Universidade de Cambridge. O Vital tem o compromisso de garantir que os alunos não precisem fazer curso de Inglês fora para adquirir fluência no idioma, oferecendo condições para que eles terminem o Ensino Médio com pelo menos um dos diplomas da universidade britânica. E até hoje todos os alunos indicados a prestar algum dos exames de Cambridge – FCE, que certifica o uso autônomo da língua, CAE, de nível avançado, e CPE, de total proficiência – foram aprovados. Em seis anos de história do Vital, já são mais de 150 alunos certificados, incluindo os dois primeiros diplomados com CPE, em 2017.

Mas o índice de alunos fluentes no Inglês não é o único resultado que o Vital tem a comemorar. Desde 2016,

o Colégio incentiva alunos do 5º ano a prestar outro teste de Cambridge, o Young Learners English: Starters, de nível anterior ao do FCE. Para os alunos, o teste serve como estímulo para progredir em seus estudos; para o Vital, como métrica do nível do grupo em um momento de transição do projeto pedagógico. No fim do ano passado, dos 83 alunos do 5º ano que prestaram o teste (65% da turma), 23% gabaritaram as provas de *Reading* e *Use of English* (leitura e gramática); 46%, a de *Listening* (compreensão auditiva); e 86%, a de *Speaking* (expressão oral).

Ótimos resultados, considerando-se que ainda estão no último ano do Fundamental I e que é no Fundamental II que se dá a aceleração do aprendizado do Inglês, com o curso estruturado em turmas de no máximo 16 alunos e mais homogêneas, organizadas por desempenho linguístico. Para a equipe de Inglês do Vital, porém, ótimos resultados sempre podem melhorar.

## Engajamento e diálogo

Com 23 anos de experiência docente, a professora Ana Paula Faria afirma já ter dado aulas para alunos de idades diversas, em universidades, cursos de idiomas e escolas grandes e pequenas. Mas uma coisa lhe chamou a atenção no Vital Brazil, onde ensina há um ano: “A equipe de Inglês é muito coesa e participativa; há uma constante troca de experiências entre nós para buscarmos a melhor estratégia pedagógica para cada turma”,

diz ela, que dá aulas para alunos do Fundamental II e do Médio em estágios *Basic* e *Intermediate* – o que não a impede de opinar sobre outras turmas, bem como de ouvir das colegas sugestões e *feedbacks* sobre o seu trabalho.

“Não decidimos nada sozinhas, estamos sempre dando indicações umas às outras de materiais, jogos e músicas”, diz Ana Paula. “Outra ajuda muito importante vem das coordenadoras, que, sempre que possível, assistem às nossas aulas, trazendo um novo olhar para identificar pontos que podem ser mais bem trabalhados”. De fato, essa prática de assistência de aulas é sistematizada formalmente por meio de formulários com uma série de critérios bem definidos, o que dá à equipe uma visão compreensiva da dinâmica em sala de aula, do entusiasmo das turmas ao domínio do conteúdo por parte das professoras e ao nível dos desafios propostos.

A professora Marina Luna Ferreira – Malu, como é conhecida – corrobora as palavras da colega. “Para mim, o que faz a força do ensino do Vital é o trabalho em equipe”, diz Malu, que dá aulas para turmas do 2º e 3º anos do Fundamental e para alunos do 7º e 8º em estágios *Intermediate*. “Nós partimos de um projeto idealizado pela nossa gestora, mas temos a liberdade de trazer nossas ideias e propor adaptações ao perfil e às necessidades de cada turma”.

Como gestora do Departamento de Inglês, cabe à Elaine Aaltonen fomentar esse espírito de engajamento e de diálogo na equipe. Isso se dá tanto em reuniões coletivas quanto em grupos de estudos menores dedicados a séries ou a estágios específicos e também em conversas particulares da coordenadora com cada professora. Em todos os casos, a meta é sempre revisar planejamentos, avaliar o andamento dos projetos, identificar necessidades (“precisamos aprimorar o formulário de avaliação oral”, “vamos estudar novas técnicas para as aulas de leitura”, etc.) e propor novas ideias.

Foi assim, segundo Elaine, com a escolha do novo material didático de Inglês, adotado no início deste ano para todos os estágios: “Passamos seis meses avaliando várias coleções de livros. Escolhemos novos livros que trazem textos mais recentes, promovem maior identificação dos alunos, ensinam as estruturas gramaticais de forma mais contextualizada e têm boa interatividade com a plataforma *on-line*”, diz a coordenadora. Reflexo, portanto, de um trabalho em grupo, intenso e constante, que é a chave para que os alunos do Vital continuem evoluindo no domínio do Inglês.



Raio-X do Departamento de Inglês

## EQUIPE

- ♦ **ELAINE AALTONEN, coord. pedagógica:** graduada em Letras (Português, Inglês e Alemão) com licenciatura plena, em Tradução e em Pedagogia; pós-graduada em Letras e mestranda em Gestão Educacional, área em que possui mais de 20 anos de experiência.
- ♦ **MAÍRA MALOSSO, coord. assistente:** graduada em Letras (Português e Inglês) com licenciatura plena; mestre e doutoranda em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês.
- ♦ **TIENE SILVA, auxiliar de coordenação.**
- ♦ **15 professoras especialistas:** 86% com certificação internacional de proficiência.

## PROGRAMA

- ♦ **Carga horária:** 4 aulas semanais do Pré I à 3ª série do Médio.
- ♦ **Abordagem comunicativa,** aulas ministradas predominantemente em Inglês desde a Ed. Infantil, com foco nas quatro habilidades básicas: *listening, speaking, reading, use of English*.

## DIFERENCIAIS: ED. INFANTIL E FUND. I

- ♦ **Projetos Keep Learning:** das 4 aulas/semana, 1 é dedicada a projetos interdisciplinares, com material exclusivo do Vital e abordagem diversa da do livro didático.
- ♦ **Do 2º ao 5º ano, turmas divididas em dois grupos,** o que permite à professora dar maior atenção individualizada a cada aluno.
- ♦ **No fim do 5º ano, aplicação de avaliação diagnóstica (*placement test*)** nas 4 habilidades comunicativas para definir o estágio em que o aluno começará a estudar no Fund. II.
- ♦ **Opcional 5º ano: aplicação de exame internacional Cambridge Young Learners: Starters,** para mensuração das 4 habilidades.

## DIFERENCIAIS: FUND. II E MÉDIO

- ♦ **Inglês por estágios semestrais:** a partir do 6º ano, turmas de no máximo 16 alunos e mais homogêneas, organizadas com base no nível de conhecimento linguístico.
- ♦ **Certificações internacionais (FCE, CAE, CPE):** apoio aos alunos interessados, por meio de cursos preparatórios, aulas extras pela internet, plantão de dúvidas e simulados.
- ♦ **Centro oficial de aplicação de exames da Universidade de Cambridge:** os alunos prestam os exames no próprio Colégio.

## INFRAESTRUTURA

- ♦ Salas de Inglês exclusivas a partir do Ensino Fundamental I.
- ♦ Todas as salas com recursos multimídia.
- ♦ *Wi-fi* e *tablets* compartilhados com outras disciplinas para o desenvolvimento de projetos.
- ♦ Uso de outros espaços do Colégio, como brinquedoteca, biblioteca, pátio, bosque e jardim.

# Vibrando juntos



Professor Osvaldo (Física) comemora com ex-alunas suas aprovações no Vestibular.

Há um componente do ensino forte do Vital que vai além do aspecto acadêmico: a sinergia entre alunos e professores.

**“Eu tenho 24 anos em Educação e nunca vi o que aconteceu nesse ano”.** A fala é do coordenador do Ensino Médio do Vital, André Rebelo, ao comemorar os resultados do Colégio no vestibular. Seu entusiasmo é justificado: dos 64 concluintes de 2017, 58 foram aprovados em pelo menos uma das faculdades que escolheram – 90% da turma –, e 75%, em pelo menos uma universidade pública. Além disso, um em cada dois dos concluintes, hoje, estuda na Universidade de São Paulo. Não é sempre que uma escola pode se orgulhar da marca de 50% de aprovados na USP.

Passado o espanto, porém, André revela que os índices alcançados não foram uma surpresa total: “Faz todo o sentido que essa turma tenha conquistado esses resultados. Porque foi, até hoje, a turma com a qual tivemos a parceria mais afinada”.

Ao fazer essa análise, o coordenador esclarece que não considera os concluintes de 2017 mais esforçados ou inteligentes que os anteriores. Apenas quer chamar a atenção para o fato de que há um componente do ensino forte do Vital que depende de uma sinergia – entre alunos, professores e coordenação – que ultrapassa

o aspecto puramente acadêmico. Uma parceria que envolve muito diálogo para ajudar os alunos a tomar decisões como a escolha da faculdade, a encontrar rotinas de estudos mais eficientes para cada um, a superar dificuldades individuais. E que envolve também sensibilidade, por parte dos professores e coordenadores, para saber até onde exigir dos alunos, quando fazer a turma avançar e quando é preciso aliviar as tensões, com aulas mais descontraídas, encontros informais ou um simples bate-papo.

“Nos conselhos de classe, nós conversamos sobre cada aluno, percebemos quem precisa de atenção, e aí um professor com maior afinidade chama o jovem para uma conversa no almoço, no pátio, no corredor”, diz André. “Então, todo mundo é muito próximo, nós vivemos juntos a cada conquista”.

Não por acaso, os reflexos dessa parceria vão além do vestibular, manifestando-se também em profundos laços de amizade e respeito que, a julgar pelos sorrisos dos presentes no último encontro de ex-alunos do Colégio, ficarão na memória. Que é outro resultado que André comemora com justificado orgulho.

## Amizade e apoio humano

Davi Coutinho Moura admite: tinha horas que ele só queria ir para casa. Tendo estudado todo o Ensino Médio no Vital, Davi afirma que o período integral e a carga de conteúdos trabalhados no Colégio requerem empenho considerável. Mas, se alguma vez chegou a ter dúvidas, hoje, recém-ingresso no curso de Engenharia Agrônoma da USP, ele está convicto de que tudo valeu a pena. “O Vital me obrigou a ser disciplinado”, diz ele. “Isso vai fazer diferença no ritmo da universidade”.

Mas as memórias de Davi não se resumem a anos de esforço ininterrupto. Ele cita momentos de descontração proporcionados pelo Colégio, como os dias de jogos ou o sarau das 3<sup>as</sup> séries no fim do ano, antes de destacar o que ele e quase todos os seus colegas definem como o fator de apoio mais importante que o Vital tem para oferecer aos alunos: os professores. “Eles nos encorajavam e procuravam dar aulas mais leves e dinâmicas”, diz o ex-aluno, acrescentando que os professores se mostravam abertos para ouvir os pupilos – e nem sempre sobre assuntos acadêmicos. “Respeitando a hierarquia, claro, conversávamos sobre tudo o que se conversa entre amigos”.

Amizade também é o termo utilizado por Lorena Leme, ao descrever os últimos três anos. “A gente fica muito próxima de todo mundo o dia inteiro, por isso fica muito amiga”, diz a jovem, aprovada no curso de Engenharia Mecânica da Escola Politécnica da USP. Assim como Davi, ela cita a disponibilidade dos professores do Vital como ponto fundamental: “Nós tínhamos liberdade para perguntar tudo, tirar todas as dúvidas, inclusive em horário de almoço e nos intervalos. Isso compensava o pouco tempo que tínhamos para estudar em casa”.

Irmã gêmea de Lorena, Mariana Leme relata ter tido menos dificuldade de dar conta dos estudos do que de optar por uma faculdade. “Eu não sabia o que escolher, cheguei a cogitar Medicina”, diz a jovem, que terminou optando pela Engenharia Química, também tendo sido aprovada na Poli. Embora a predileção pelas aulas de Física e Química possa ter influenciado a escolha que acabou tomando, não foi, contudo, por falta de afinidade com os demais professores. “Todos!”, é a resposta imediata de Mariana quando lhe perguntam de qual professor sentiria mais saudades. “Todos me marcaram muito, porque eles nos motivavam e nos acalmavam. Diziam: ‘Não se preocupem se não passarem esse ano ou se estão tomando a decisão certa, vocês são jovens ainda’”.

As conversas que o coordenador André Rebelo tinha com as turmas sobre escolhas profissionais, segundo Mariana, também a incentivaram a pesquisar mais para tomar sua decisão. E, para muitos de seus colegas, ajudaram a abrir o leque de possibilidades além dos cursos tradicio-



Professor Petucco (Biologia) e o ex-aluno Cesar Augusto Murata, aprovado em Economia na USP.

nais. “O Vítinho, por exemplo, está fazendo Editoração na USP”, diz ela, citando o amigo Victor Bittar.

Victor é outro que fala com carinho evidente do que ele chama de “baita apoio humano” recebido pelos professores e coordenadores do Vital. “O André e a Solange [Frasca, coordenadora adjunta] estavam sempre à disposição para nos receber”, diz o jovem, para acrescentar com bom humor: “Eu até teria ido mais vezes à Coordenação, mas ficava com receio de estar incomodando”. De sua sala – que garante estar sempre de portas abertas para as próximas turmas –, André Rebelo sorri.

**1** Os últimos resultados no vestibular – 90% dos alunos aprovados, 50% na USP – refletem, além de conteúdo forte, uma sinergia perfeita entre alunos, professores e Coordenação.

**2** Para os alunos, os professores do Vital são importante fonte de apoio diante da pressão do vestibular, mostrando sensibilidade e disponibilidade total, mesmo fora do horário de aula.

**3** Coordenação e professores ajudam os alunos a lidar não apenas com questões acadêmicas, mas também com inseguranças pessoais e escolhas profissionais.

# Viver e aprender Ciência

Abordagem investigativa e estrutura montada para extensa vivência prática: no Vital, Ciência é muito mais que teoria.

## Numa segunda-feira de março, Raquel Ingegneri pisou no Laboratório de Bioquímica e Biologia Molecular do Instituto de Química da Universidade de São Paulo pela primeira vez.

Era a sua primeira aula de Química Geral do curso de Farmácia da USP, que ela tinha iniciado havia apenas uma semana. A aula consistiu em exercícios de medição de volume e densidade de líquidos e outros experimentos básicos, para que os alunos fossem apresentados a alguns dos instrumentos que terão de utilizar em sua vida profissional, como provetas, balanças, bicos de Bunsen, entre outros. Raquel tirou de letra.

Raquel estudou no Vital Brazil, onde só nos dois primeiros anos do Ensino Médio os alunos recebem 174 aulas de laboratório, cerca de 130 horas no total, entre aulas de Biologia, Química e Física. “Na minha escola anterior, eu nunca tinha tido aula de laboratório”, diz a jovem, que entrou no Vital na 1ª série do Médio. “Isso hoje está sendo muito importante, porque eu já conhecia e sabia utilizar a maioria dos instrumentos”. Se tivesse estudado no Vital desde o 6º ano do Fundamental, teria acumulado outras 90 horas mais, aproximadamente, de vivência laboratorial.

A extensa parcela da matriz curricular destinada a aulas de laboratório é apenas um dos meios pelos quais o Colégio oferece um ensino de Ciências que ultrapassa o livro didático. No Vital, desde a Educação Infantil, o saber científico é baseado em vivências concretas, das quais o aluno é o protagonista.

## Espírito inquisidor

“Hoje em dia, o foco do ensino de Ciências está na investigação”, diz Carolina Leite, professora do 5º ano, assessora de Ciências do Fundamental I e mestranda pela USP (*v. matéria na pág. 12*). “O texto didático por si só é insuficiente”.

A observação remete ao conceito de aprendizagem ativa, em que o foco é menos a transmissão de conteúdo e mais a promoção, no aluno, de um espírito inquisidor, que o faz querer buscar conhecimento. Ele ainda precisará do professor, da estrutura física, dos livros e materiais que a escola proporciona, mas agora numa posição mais autônoma, de agente do processo.

Segundo Carolina, aulas com atividades práticas – como jogos, experimentos ou projetos – são meios importantes de promover a aprendizagem ativa, mas não são os únicos; a atitude do professor também deve mudar em relação ao paradigma expositivo tradicional. Mesmo uma contação de histórias, a exibição de um vídeo ou a leitura de um texto, diz a assessora, podem ser feitas com uma abordagem investigativa. Em vez de exigir dos alunos apenas silêncio e escuta, por exemplo, o professor pode engajá-los no processo, buscando ouvir deles o que já sabem a respeito do enredo ou do tema (levantamento de conhecimento prévio), o que supõem que vão encontrar (formulação de hipóteses) e a que conclusões chegarão no fim (observação, reflexão e registro). No caso de aulas concebidas em torno de atividades práticas, essa

abordagem é mais evidente, já que o aluno está diretamente envolvido na ação que leva às descobertas, mas o princípio é o mesmo.

Em certo sentido, é no Ensino Fundamental que a aprendizagem ativa e a abordagem investigativa se revelam um desafio maior para o professor. É o que diz Káthia Kobal, coordenadora pedagógica da Educação Infantil e do Fundamental I. “Até o 1º ano, em geral, as crianças são naturalmente mais curiosas, fazem pergunta de tudo, ‘por que isso, por que aquilo’. E toda a proposta pedagógica está baseada em vivências concretas e lúdicas”. A partir do 2º ano, no entanto, inicia-se o uso dos livros didáticos – e com eles o risco de o processo de aprendizagem se tornar mais passivo. Um risco que, tanto Káthia quanto Carolina garantem, a equipe docente do Vital sabe como evitar.

“Cobrimos todo o conteúdo dos livros didáticos, implementamos as propostas de atividades práticas que eles trazem, mas vamos além”, diz Carolina, referindo-se ao projeto de Ciências do Fundamental I. “Nossa meta, este ano, é de uma atividade prática a cada 15 dias”.

Para isso, toda sala de aula do 2º ao 5º ano conta com uma caixa de experimentos, com materiais simples que ajudam os alunos a realizar testes, verificar hipóteses ou a visualizar, concretamente, conceitos científicos de alto grau de abstração. É o caso da atividade do 5º ano sobre o Sistema Solar, na qual bastam algumas bolas de papel, em tamanhos proporcionais aos dos planetas, para que os alunos percebam com clareza nossa dimensão no universo. “Nossa, professora, como a Terra é pequena perto do Sol!”.

## Cultura de laboratório

A partir do 6º ano, os alunos do Vital passam a ter aulas de laboratório. Uma vez por semana, eles utilizam os

laboratórios do Colégio: o de Ciências e Física e o de Química e Biologia. Já na 1ª e 2ª séries do Ensino Médio, são três aulas de laboratório por semana (a 3ª série, dedicada à revisão de conteúdos dos anos anteriores, é toda em sala de aula).

Para João Batista Petucco, professor de Biologia e assessor de Ciências do Fundamental II e do Médio, as aulas de laboratório consolidam a teoria dada em sala de aula. “Propomos atividades que demonstrem ou simulem o que acontece na natureza”, diz ele, citando experimentos que vão da criação de minhocários, no 6º ano, à observação de uma cultura de protozoários, no 7º ano, até a dissecação do coração de um porco ou boi, no Ensino Médio.

Petucco, como Carolina Leite no Fundamental I, também busca promover junto à equipe docente atividades investigativas com objeto de pesquisa, formulação de hipótese, execução de experimento, verificação de dados e conclusão. “Queremos fortalecer a metodologia de pesquisa, um campo sistematizado sobre o qual os alunos serão cobrados na faculdade”, diz o assessor. Ele sabe que a quantidade de conteúdo do projeto pedagógico nem sempre permite tal abordagem investigativa, que leva tempo. Ainda assim, Petucco nota outro enorme benefício das aulas práticas de laboratório, mesmo se limitadas a observações: a familiaridade com o ambiente laboratorial. “Nossos alunos sabem manusear microscópios, a vidraria e os demais equipamentos, conhecem os procedimentos e as normas de segurança”, diz ele. “Eles saem preparados para o ambiente universitário”.

Que o diga a futura química Raquel Ingegneri, que está dando apenas os primeiros passos de uma carreira na indústria farmacêutica, na qual pretende desenvolver e testar medicamentos.

1 O Pré I descobre a microfauna, o 2º ano explora sua caixa de experimentos: vivências práticas.



2 O sistema solar em escala e um ecossistema dentro de uma garrafa: visualizando conceitos complexos.



3 A partir do 6º ano, a intensa prática laboratorial que levará à experiência.



4 Até o fim do Médio, a noção consolidada da metodologia de pesquisa científica.



# O universo como inspiração

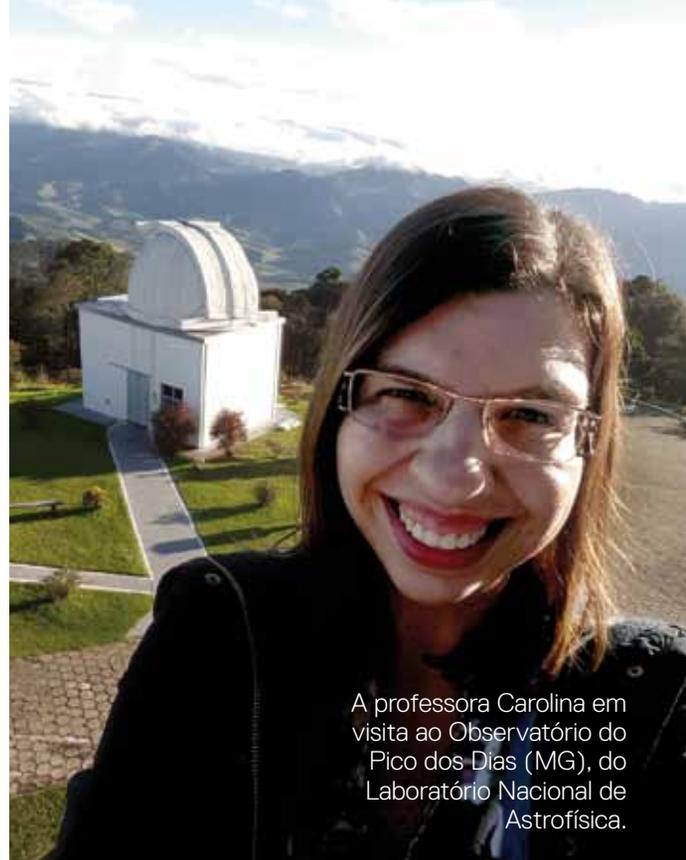
Professora demonstra, pelo exemplo, como a paixão pelo conhecimento a faz vencer desafios.

**Em 2016, a professora Carolina Leite tinha 30 anos de idade**, seis de experiência profissional e duas graduações no currículo, quando se viu diante de uma situação acadêmica que a desafiou. Formada em Letras pela Unisa (Universidade de Santo Amaro) e em Pedagogia pela Unesp (Universidade Estadual Paulista), Carolina dava aulas para turmas de Educação Infantil e Fundamental I em escolas públicas de São Paulo e no Colégio Vital Brazil, quando se candidatou ao Mestrado Profissional em Ensino de Astronomia oferecido pela USP (Universidade de São Paulo).

“A ideia surgiu da dificuldade que eu tinha de responder a algumas perguntas dos alunos sobre os planetas e as estrelas”, diz Carolina. Embora o estudo do Sistema Solar faça parte do currículo do Ensino Fundamental, suas graduações não lhe haviam proporcionado conhecimento astronômico mais profundo, e, confrontada com a curiosidade infantil sobre o universo, ela decidiu preencher essa lacuna em sua formação.

Em frente à banca de examinadores do mestrado, porém, ela hesitou. “Eles me perguntaram o que eu sabia de Astronomia. Respondi: ‘Muito pouco, por isso estou aqui’”, lembra a professora, que não ouviu palavras encorajadoras. “Chegaram a dizer que talvez eu devesse continuar na Pedagogia”.

“Tive vontade de chorar”, admite Carolina, que, no entanto, não desistiu. Submeteu seu projeto à banca – uma proposta de sequência didática e material de apoio ao professor para o ensino do Sistema Solar – e foi



A professora Carolina em visita ao Observatório do Pico dos Dias (MG), do Laboratório Nacional de Astrofísica.

aprovada para o curso, que concluirá este ano. Ela sabia que teria de rever muito conteúdo que havia aprendido, principalmente de Física e Matemática, e ir atrás de muito mais que ainda nem sequer conhecia. Mas também sabia que o curso a tornaria uma professora melhor. E sua convicção se provou acertada.

“Muda tudo: a forma de trabalhar em sala de aula, a forma de falar com os alunos”, diz Carolina, que comenta como livros didáticos podem ser insuficientes para passar o conhecimento preciso e devem ser utilizados com cuidado pelos professores. Numa figura bidimensional sobre as fases da Lua, por exemplo, a Lua Nova costuma ser representada diretamente entre o Sol e a Terra, numa linha reta. No entanto, se Sol, Lua e Terra estivessem realmente alinhados num mesmo plano, o que se veria seria um eclipse solar; cabe ao professor explicar que há uma inclinação do plano de órbita da Lua em relação ao plano de órbita da Terra. Ou, como faz Carolina, conceber atividades práticas com globos, esferas de isopor e lanternas, fazer os alunos se levantarem das cadeiras para participar de perto dos experimentos, contar com simuladores disponíveis na internet.

Prestes a concluir o mestrado, Carolina agora multiplica seus aprendizados não só com os alunos, mas com suas colegas professoras – ela é assessora de Ciências do Fundamental I do Vital. E demonstra, pelo exemplo, como os horizontes de quem tem paixão pelo conhecimento nunca param de apresentar desafios.